



**Câmara Municipal de Caraguatatuba**  
**Estância Balneária**  
**Estado de São Paulo**

Denomina-se de Mirante Maria Rosa dos Santos "Tia Nenê", o primeiro mirante que compõem o complexo Mirantes da Orla, localizado no bairro do Ipiranga.

**A CÂMARA MUNICIPAL DE CARAGUATATUBA APROVA:**

**Artigo 1º.** – .....

**Artigo 2º.** – Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala “Benedito Zacarias Arouca”, 25 de janeiro de 2021.

CRISTIAN BOTA

Vereador - PP

**JUSTIFICATIVA:**

Terceira filha de um casal de caíças que viviam da pesca e do que conseguiam com sua pequena agricultura familiar, Maria Rosa dos Santos ou ” Dona Nenê”, como viria a ser conhecida, não nasceu em Caraguatatuba, como muitos pensavam, mas nasce na cidade de Miracatu, próximo a cidade natal de sua Mãe, Dona Zulmira, no dia 03 de novembro de 1950. Mas com poucos dias de vida já retornava para essa cidade tornando-se uma Caraguatatubense com muito orgulho.

Tornou- se mãe muito jovem de filhos que se tornariam o seu maior orgulho e riqueza. Anselmo Junior, Aparecida Angélica, Maricelma e Leandro.

Passou toda sua vida no Bairro Camaroeiro e foi ali, no meio de uma família simples que aprendeu e ensinou a simplicidade e o amor.

Ao lado de seus irmão Adilson, Alice (Nena), Manoel (Kako), Benedito (Juca), Fatima, Sueli, Angela e por pouco tempo o Joãozinho, que morrera ainda menino, a família foi crescendo, criando raiz e ganhando respeito de toda a comunidade.

O seu grande inspirador foi seu pai, Sebastião Izidoro, pescador conhecido por ser um benzedeiro muito procurado por sua fé na cura e pelo amor com que recebia todos os enfermos em sua humilde casa. Somente dois momentos no dia, ele não atendia ninguém: em sua sesta (Cochilada depois do almoço), ou as 18h quando se recolhia em seu oratório para sua oração diária. ” Tião Izidoro” era um pescador devoto de São Pedro e suas festas, na sua casa a beira mar, era conhecida muito além de Caraguá. Dona Nenê era uma das mais entusiasmada. É fácil achar moradores da cidade, antigos, que conhecera, essa festa e essa crença dentro dessa família. A festa era um evento muito grande que era realizada no dia 29 de junho, dia de São Pedro, onde tudo era doado, tanto para a população como pela população. Era feito com a união dos que tinham um poder aquisitivo maior e por aqueles que doavam o que tinham e muitas vezes era a mão de obra. Eram dias ensaiando a quadrilha de adultos e crianças, as bebidas, quentão e vinho quente, eram armazenadas em caixas d’água. Havia pau de sebo, leilão de quitutes que eram levados pela população e muita animação. Dona Nenê cuidava, junto com seus irmãos, de cada detalhe, eles se divertiam e trabalhavam incansavelmente. Era bonito de se ver. E assim, mesmo como a partida do pai Tião Izidoro, a família seguiu festeira e unida e enchiam Dona Nenê de orgulho com seus atos de amor ao próximo.

Dona Nêne se dividia em cuidar de filhos e trabalhar muito. Não media esforços pra ganhar o seu dinheiro. Muito nova, já com 3 filhos, trabalhava na escola do Ipiranga, bairro que geograficamente se funde com o Camaroeiro que leva esse nome por ser o reduto de pescadores. Essa escola, viria a se chamar Alcides de Castro Galvão, depois de uns anos. Lá, Dona Nenê passou 32 anos de sua vida, saindo apenas por um breve tempo trabalhando em uma escola do Bairro do Rio do Ouro, onde fez sua transição de funcionaria da Prefeitura para Funcionaria Pública Estadual. Atuava como servente. Sempre gostou de fazer

tudo o q podia na escola e mesmo tendo estudado só até a quarta série do primário, as vezes até se atrevia a ficar com os alunos quando um professor precisava dar uma saidinha. Ela fazia e servia a merenda, lavava toda a louça, fazia a ronda pra controlar a criançada, fazia uma café maravilhoso pra os professores, rodava mimiógrafo, acendia a luz e apagava a luz. As vezes era brava e enérgica mas, sempre se colocava do lado de quem precisava.

O termo “ Enquanto descansa, carrega pedra”, parece que foi feito pra ela. Não havia descanso. Ela passava e lavava roupa pra fora, ela trabalhava em casa de família antes de seguir para a escola, ela cuidava de casa de temporada, enfim, seu nome era trabalho. Mas tinha um trabalho que dava muito prazer a ela, estar no mar. Tirando o seu marisco na costeira, com uma espécie de foice, não tinha limites. Rolava com suas pencas de marisco agarrando com força pra não perder nada. Os filhos, ainda pequenos, cuidavam de recolher o que era jogado pra cima da costeira e colocar em um saco bem grande, que ela levava com braço forte até sua casa. Jogava tarrafá como ninguém, sempre atenta as mantas de parati que passavam de um lado pro outro. Às vezes, uma tarrafada só já era o suficiente para voltar para casa e fazer aquele arroz com peixe fresquinho para os seus filhos.

Depois de sua aposentadoria, ocupava seu tempo cuidando de netos, bisnetos e sobrinhos, além de se dedicar ainda mais a pesca, que tanto amava, sempre em companhia do filho caçula. Descobriu que gostava muito de cantar e também se dedicou a cantar na igreja onde era feliz com novos e velhos amigos.

Enfim, sua dedicação a família e ao trabalho acabaram sendo sua herança a todos que conviveram com ela.

As doenças que vieram com o tempo, não eram empecilho para roubar sua alegria. Tomava seus remédios e seguia feliz sem nunca reclamar.

Infelizmente, quis o destino, que sua vida chegasse ao fim pelo vírus da Covid 19 no dia 22 de agosto de 2020. Um momento triste e ao mesmo tempo de muita reflexão e agradecimento por ter conhecido e convivido com uma mulher única e indescritível.

Como não poderia deixar de ser, suas cinzas foram lançadas ao mar, bem onde passou sua vida, onde ensinou a viver e onde será sempre lembrada com a dona Nenê pescadora.

Sala “Benedito Zacarias Arouca”, 25 de janeiro de 2021.

CRISTIAN BOTA

Vereador - PP

